

***Relatório semanal de Conjuntura
e Mercado Financeiro***

(Período de 02/02/09 a 06/02/09)

Na tentativa de lutar contra os efeitos negativos da crise e evitar o aprofundamento da recessão, os países continuam tentando lançar novas políticas e pacotes de ajuda. Sabe-se que sairemos da crise, só está difícil de dizer quando. O problema é que os resultados esperados estão demorando a acontecer, o mundo está assustado, sem ver a luz no fim do túnel.

Só para citar alguns exemplos, o Reino Unido baixou de novo os juros que já estavam no nível mais baixo da história, mas esta semana registrou o menor número de produção industrial desde 1974.

A China continua sendo a economia da última esperança porque terá um crescimento de 5 a 6%, em um cenário de crescimento nulo ou negativo no mundo. O problema é que de 13% de crescimento em 2007 já fomos para 10% em 2008, e agora está se reduzindo à metade. Para piorar, a previsão é de que o país acumule 20 milhões de desempregados. O governo está tentando rever o clima com fortes estímulos fiscais.

Nos Estados Unidos, a tentativa do governo Barack Obama de dar uma resposta rápida à crise já fracassou. Os problemas fiscais dos seus nomeados só têm contribuído para retardar o plano de ação. As medidas protecionistas embutidas no pacote acabaram com a unanimidade que o pacote pretendia ser. O plano aprovado vai injetar dinheiro na economia através de redução de impostos e projetos de investimento, mas já se foram duas semanas cruciais. Nunca se viu na história americana três meses seguidos de fechamento de postos de trabalho acima de 500 mil. Com isso, a taxa de desemprego subiu de 7,2% para 7,6%. Com crédito mais caro e dificuldade de rolar dívidas, a solução é enxugar a folha de pagamento. Enquanto as linhas de crédito não forem totalmente restabelecidas, não haverá sinal de melhora. Na semana que vem, na segunda-feira, a expectativa ficará por conta do anúncio do secretário do Tesouro Timothy Geithner sobre o novo plano de socorro aos bancos, que pode passar pela idéia de se criar um bad bank para comprar e concentrar todos os ativos podres.

Os países do Leste Europeu estão vivendo um desastre. A Turquia livrou-se do colapso financeiro através de um acordo com o FMI, de US\$ 25 bilhões. O governo russo utilizou US\$ 100 bilhões de reservas tentando evitar a alta do dólar, acabou desistindo e, agora, está tentando salvar o setor privado, mas as dívidas das empresas superam as reservas de US\$ 386 bilhões. Apesar das altas reservas, o país foi rebaixado esta semana, com a queda do preço do petróleo mudando a conjuntura. Após 10 anos, a Rússia terá déficits fiscal e externo, o fiscal podendo chegar a 10% do PIB. Ademais, a Ucrânia terá uma recessão de 6% este ano.

A economia internacional continua vivendo essa drástica alteração dos patamares de preços, de produtos e moedas, tornando a recuperação cada vez mais imprevisível.

No comércio internacional a situação não é melhor: as exportações japonesas caíram 35% em dezembro em comparação com o mesmo mês do ano anterior; a China teve queda de 21%; Cingapura, de 20%; o Vietnã acusou queda de 45% nas exportações em janeiro. A globalização e interligação entre os países que funciona tão bem nos bons momentos, também funciona muito bem neste momento de crise, dificultando a recuperação.

Aqui no Brasil, mais uma semana difícil, de indicadores ruins. Na segunda-feira, houve a divulgação de déficit na balança comercial em janeiro, o que há muito tempo não acontecia na economia brasileira. Na terça-feira, vimos a queda abrupta de 12,4% na produção industrial em dezembro, número ruim e muito acima dos 10% esperados pelo mercado. Ainda nesta semana, tivemos o balanço do PAC, com o governo inflando artificialmente os números e usando o Plano como ferramenta eleitoral. Tivemos ainda a notícia de que o Banco Central do Brasil (BACEN) vai passar a usar as reservas cambiais para financiar empresas brasileiras com dívidas no exterior. Em relação à inflação, os índices desta semana vieram um pouco acima do esperado, pressionados por alimentos.

O mês de dezembro foi o pior, mas os seis meses entre setembro e março são a parte mais difícil a atravessar da crise. No ambiente recessivo que nos encontramos, a queda tão forte da produção industrial fez os economistas revisarem seus cálculos para baixo para o PIB, que pode ter caído mais de 2% no quarto trimestre de 2008 e pode ter nova queda este trimestre, configurando uma recessão técnica.

O importante é saber que a economia vai ter um crescimento, não forte, mas com números mais positivos depois de março, com um segundo semestre tendendo a ser melhor que o primeiro. Para quem está desempregado, é preciso entender que, hoje, as empresas estão em emergência porque a parada foi muito brusca, mas que com a produção retomando, os estoques de matérias-primas vão se reduzir e as empresas terão que comprar dos seus fornecedores, colocando novamente em funcionamento o motor da economia.

Isto tudo, é claro, sem esquecermos que estamos olhando para o passado: com a chegada da crise a indústria teve medo de produzir, o consumidor teve medo de comprar, os bancos tiveram medo de emprestar. Ao longo de 2009 a situação deve melhorar, e o que precisamos saber agora é como está sendo este primeiro trimestre, que começa muito fraco. Em janeiro, as empresas demoraram a retomar a produção, voltar das férias coletivas. Agora, em fevereiro, começamos a sair desta situação e, em março, é que vamos realmente retomar as atividades.

Cenário Internacional

Em linha com o que apresentamos na introdução, o Fórum Econômico Mundial, que aconteceu esta semana em Davos, mostrou que representantes de diversos países e de entidades supranacionais estão pessimistas em relação ao futuro da economia mundial. A título de exemplo, segundo previsão do Fundo Monetário Internacional (FMI), o PIB mundial deverá crescer 0,5% esse ano.

Entre as discussões durante o Fórum, foram sugeridas várias vezes para contornar os efeitos da crise a postura multilateral com ação global coordenada, e a criação de um pacote internacional. A questão do protecionismo também foi levantada, já que muitos temem que ela esteja retornando ao cenário internacional como consequência de políticas governamentais de estímulo às diferentes economias.

Ainda em relação as discussões, no que diz respeito aos países da Ásia, o FMI afirmou que as economias da região podem se recuperar no próximo ano, mas que como são dependentes de exportações podem não conseguir isso sozinho. O diretor-gerente do FMI, Dominique Strauss-Kahn, afirmou que a Ásia precisa impulsionar a demanda doméstica para reduzir sua dependência tradicional de exportações para os Estados Unidos e Europa, ambas regiões em recessão. Porém, tal mudança não deve ocorrer da noite para o dia e, nas últimas semanas, tanto a Coreia do Sul quanto o Japão divulgaram quedas recordes nas exportações. O FMI espera que a Ásia cresça apenas 2,7% este ano, ante uma previsão feita em novembro de expansão do PIB do continente de 4,9%.

Na tentativa de retomar o ritmo de atividade das economias locais, vários países têm adotado medidas fiscais e monetárias. Neste movimento, os governos da Austrália e do Japão anunciaram na terça-feira novas medidas neste sentido.

Na Austrália, o governo cortou a taxa de juros mais uma vez e anunciou mais 26 bilhões de dólares para tentar impulsionar sua economia. Ao mesmo tempo, o

Banco do Japão informou que vai comprar até 11 bilhões de dólares em ações controladas por bancos. O governo australiano mais do que dobrou seu pacote inicial de estímulo, elevando o total da ajuda para mais de 49 bilhões de dólares, ou aproximadamente 8% do PIB, para evitar que o país entre em recessão. O banco central australiano anunciou ainda um corte de 1% na taxa de juros para 3,25%. Desde setembro, a taxa já foi cortada em 4 pontos percentuais, e investidores esperam que os juros sejam reduzidos para 2% ou menos até maio. No Japão, o banco central disse que começará a comprar até 1 trilhão de ienes (11,2 bilhões de dólares) em ações detidas por instituições financeiras. As compras serão feitas até abril de 2010.

Nos Estados Unidos, onde Barack Obama ainda não conseguiu aprovar seu pacote de estímulo econômico, os sinais de deterioração da economia se intensificam, embora algumas surpresas positivas comecem a aparecer.

A taxa de crescimento do PIB norte-americano, que no quarto trimestre de 2008 ficou negativa em 3,8%, atingiu o seu menor patamar desde 1982, mas surpreendeu positivamente o mercado que esperava contração de 5,5%. A maior contribuição para esse resultado veio da expansão de 1,3% dos estoques, depois de quatro trimestres de queda consecutiva. Além disso, os gastos federais e o resultado do setor externo contribuíram positivamente. Em contrapartida, os gastos das famílias e investimento das empresas se reduziram em 3,5% e 20,1%, respectivamente, resultando numa queda intensa na demanda doméstica. O crescimento dos estoques, combinado a um baixo nível de atividade econômica e a deterioração do mercado de trabalho, sinaliza uma queda na produção, o que é esperado para o primeiro trimestre de 2009. O resultado para o quarto trimestres melhor do que o esperado não traz, portanto, otimismo para os próximos meses. Excluindo estoques, a contração do PIB foi de 5,1% e, além disso, é importante ressaltar a contribuição da queda da inflação no quarto

trimestre (o deflator do PIB recuou -0,1%), o que ajudou a compensar a queda do PIB real.

Outro dado que vem de acordo com o cenário econômico norte-americano de forte desaceleração é o índice de gerentes de compra de Chicago que caiu para 33,3 em janeiro ante 35,1 registrados em dezembro, com a queda dos componentes de novos pedidos e desemprego, refletindo as expectativas ainda deterioradas para a atividade industrial.

Os dados sobre o consumo e renda pessoal nos Estados Unidos, embora já não tragam tanta novidade depois da divulgação do PIB, mostraram novamente queda da demanda, tanto em termos nominal quanto real, e conseqüente aumento na poupança dos norte-americanos.

O rendimento pessoal nominal recuou 0,2% em dezembro, sendo que no mês anterior já havia registrado uma retração de 0,4%. Na mesma direção, os gastos pessoais declinaram 1,0%, -0,8% anteriormente, configurando o sexto mês consecutivo de retração do indicador. Mesmo assim, o consumo real das famílias (PCE) subiu 0,6% no período, mas abaixo do registrado em novembro, 1,4%. Como resultado, a poupança como proporção da renda disponível aumentou de 2,8% em novembro para 3,6% em dezembro, resultado da forte queda de confiança das famílias e da necessidade da recomposição de riqueza.

Por outro lado, o ISM do setor manufatureiro mostrou desempenho acima do esperado, recuperando-se de 32,9, registrados em dezembro, para 35,6 em janeiro. O componente de empregos permaneceu inalterado, mas produção e, principalmente, encomendas, mostraram significativa recuperação. De fato, o que mais chama atenção foi justamente o aumento de 23,1 em dezembro para 33,2 em janeiro do componente de encomendas, uma melhora considerável, mesmo que esteja mostrando uma recuperação de um nível historicamente muito baixo e que ainda permaneça no campo contracionista. Já os novos pedidos voltados para exportações registraram recuperação, mas de maneira mais contida.

No mercado imobiliário, depois de três meses de queda, o índice de vendas pendentes de casas nos Estados Unidos registrou alta de 6,3%, muito acima do esperado pelo mercado (0,5%), alcançando o nível de 87,7, ante 82,5 em novembro. O que motivou esse aumento foi a maior facilidade no financiamento das hipotecas, após os cortes das taxas de juros feitos pelo FED, além da recente queda nos preços das moradias devido ao estoque elevado de residências, tornando a compra mais atrativa. Apesar da subida, o índice não sugere ajustes no mercado imobiliário norte-americano, considerando os fortes declínios anteriores e o fato de que as vendas de casas existentes já mostraram crescimento também acima do esperado em dezembro. Além disso, com a expectativa de maiores quedas nos preços de casas e condições de crédito ainda restritivas, não se pode esperar por enquanto um aumento forte e consistente na demanda no setor imobiliário, o que reforça a perspectiva de um ano de contração neste mercado.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, a deterioração continuou em janeiro, como mostram os dados da pesquisa ADP relativa ao setor privado. Os dados da ADP apontam para um corte de 522 mil vagas no primeiro mês deste ano, abaixo do corte de 535 mil vagas esperado pelo mercado, lembrando que em dezembro o corte de vagas chegou a 659 mil.

A produtividade do trabalhador norte-americano do setor não agrícola, obtida pela relação da quantidade de trabalho por hora, subiu 3,2% no quarto trimestre de 2008, sendo que no período anterior a produtividade já havia registrado elevação de 1,5%. Esse aumento que surpreendeu o mercado não deve, contudo, ser visto como um resultado positivo, já que ele é decorrente da redução das horas trabalhadas (-8,4%) que se deu de forma mais pronunciada do que a diminuição da produção (- 5,5%). De forma complementar, o custo unitário do trabalho no quarto trimestre subiu 1,8%, abaixo das expectativas de 2,9% e do registrado anteriormente, 2,6%. Este cenário é reforçado pelo desempenho dos novos pedidos às fábricas, divulgados na quinta-feira, que indicam queda de

3,9% em dezembro na comparação com mesmo período do ano passado, sendo que na margem a contração foi de 18,7%, confirmando que a demanda por bens de capital, bem como para outros bens, continua a cair.

Finalmente, no que tange a atividade manufatureira dos Estados Unidos, que é medida pelo Institute for Supply Management (ISM), em janeiro, o ISM, como é conhecido o índice, ficou em 35,6 pontos, 2,7 pontos a mais que dezembro e acima do esperado, que era 32,5 pontos. Mesmo assim, a queda do ISM desde fevereiro do ano passado mostra que a atividade manufatureira segue em baixa nos Estados Unidos, com 12 meses seguidos de resultados negativos. O ISM do setor de serviços mostrou recuperação em janeiro, acima das expectativas do mercado, subindo de 40,1 em dezembro para 42,9, no referido mês, em linha com a melhora observada no ISM do setor de manufaturados. O componente de encomendas subiu de 38,9 para 41,6, compensando o componente de empregos, que caiu de 34,5 para 34,4.

Na Zona do Euro, os sinais de desaceleração da economia também se intensificam, forçando os governos dos diferentes países da região a intervir diretamente na economia para tentar debelar os efeitos perversos da chegada da recessão.

Os PMIs de manufaturados da Zona do Euro, Alemanha e Reino Unido permanecem indicando retração nas economias pelo oitavo mês consecutivo, apresentando resultado abaixo dos 50 pontos neutros em janeiro. Na Europa, o indicador registrou discreta queda para 34,4 pontos contra os 34,5 de dezembro, quase em linha com o esperado de 34,5. Na Alemanha, o PMI veio em linha com as expectativas e se manteve com os 32 pontos. Já no Reino Unido, o indicador apresentou melhora, de 34,9 para 35,8, surpreendendo as projeções de 34,5, mas ainda em um patamar bastante baixo. Esta estabilidade nos números indica, possivelmente, que já chegamos ao nível mais baixo, mas a continuação da

deterioração da demanda por conta das fracas condições da economia mundial ainda permanece.

Os PMIs de serviços da Zona do Euro e Alemanha apresentaram pontuação abaixo dos 50 pontos neutros em janeiro, sinalizando também e mais uma vez contração das economias. O indicador para a região do Euro registrou novamente um dos seus menores resultados, 42,2 pontos, quase em linha com o esperado de 42,5, mostrando ligeira recuperação em relação ao mês anterior quando atingiu 42,1. Na Alemanha, o índice caiu de 45,4 pontos em dezembro para 42,2, contra expectativas de 45,4.

As vendas no varejo na Europa apresentaram estagnação em dezembro, depois de retrair 0,1% em novembro, surpreendendo as expectativas de -0,2%. Na comparação interanual, as vendas caíram 1,6% contra a queda de 2,6% registrada anteriormente, sendo que o mercado esperava um declínio de 1,4%. Este resultado pessimista é reflexo da baixa confiança do consumidor em meio à crise financeira, com o aumento do desemprego e as fracas condições de crédito. O sentimento econômico apresentou seu recorde de baixa em janeiro, enquanto que a inflação atingiu sua menor taxa em dez anos.

O índice de preços ao produtor (PPI) na Zona do Euro registrou alta de 1,8% em dezembro contra os 2,1% esperados, desacelerando em relação a novembro, quando subiu 3,3%. Na comparação interanual os preços permaneceram em deflação e atingiram -1,3%, lembrando que em novembro os preços já tinham apresentado contração de 2,0%. Os preços de energia permanecem sendo o principal fator a puxar os preços do atacado para baixo.

Na Alemanha, a desaceleração da atividade, iniciada no setor industrial, começa a afetar de forma mais expressiva também a demanda dos consumidores, haja vista a contração das vendas do varejo divulgada na terça-feira. Elas retraíram 0,2% em dezembro na margem, surpreendendo negativamente as expectativas de +0,5%, ao passo que no mês anterior já tinham registrado queda de 0,1%.

Em relação ao mesmo mês do ano passado, as vendas caíram 0,3% ante os 0,5% estimados, sendo que no período anterior caíram 3,2%.

Ainda na Alemanha, maior economia da região do Euro, a deterioração na indústria pode ser observada mais uma vez nas encomendas às fábricas, que caíram 6,9% em dezembro, surpreendendo negativamente as expectativas de queda de 2,5%. Na comparação interanual, a queda foi bastante acentuada, -25,1%, ao passo que era esperado um recuo de 24,4%. Assim como muitas empresas no mundo, as empresas alemãs vêm ajustando a produção para se adequar ao novo patamar de demanda, sendo que os pedidos domésticos caíram 4,3% na margem e os estrangeiros, 9,4%.

No Reino Unido, a confiança do consumidor atingiu o seu menor patamar desde 2004 em janeiro, com 40 pontos ante expectativas de 45, sendo que já havia caído para 48 em dezembro. A situação atual da economia caiu de 29 para 23 no período, assim como as expectativas, que passaram de 61 para 51, reforçando um cenário prospectivo negativo para a economia do país. Adicionalmente, apesar de o PMI de serviços ter subido de 40,2 pontos em dezembro para 42,5 pontos em janeiro, ainda sinaliza contração da economia, pelo oitavo mês consecutivo.

No sentido de recuperar as economias em recessão, tivemos esta semana novas medidas adotadas pelos governos da região.

O Banco Central Europeu (BCE) manteve a taxa de juros básica em 2,0% na reunião realizada na quinta-feira, em linha com as projeções do mercado, depois de quatro quedas consecutivas desde outubro de 2008. O BCE vem mantendo certa resistência em levar a taxa de juros mais próxima a zero, mesmo considerando que a economia da região vem passando pela sua pior recessão desde a Segunda Guerra. O presidente do banco, Jean-Claude Trichet, sugeriu que o BCE agora vê mais riscos de que a inflação fique abaixo do desejado e não acima, como se temia anteriormente.

Na França, o primeiro-ministro François Fillon, anunciou na segunda-feira detalhes de um pacote de medidas da ordem de 26 bilhões de Euros (cerca de R\$ 77 bilhões) para revitalizar a economia do país.

O pacote anunciado por Fillon consiste em três partes principais: um investimento de 11 bilhões de Euros para ajudar no fluxo de caixa de empresas; outros 11 bilhões em investimentos diretos do Estado; e 4 bilhões para que empresas estatais modernizem a infra-estrutura férrea, de energia e o serviço postal. Na semana passada, mais de 1 milhão de pessoas protestaram em diversas cidades da França contra as políticas do governo em relação à crise econômica.

Na Espanha, o desemprego aumentou em 198.838 trabalhadores em janeiro, com um total de 3.327.801 de desempregados, segundo o Ministério do Trabalho e Imigração. Desde janeiro de 2008, o desemprego cresceu em 1.065.876, 47,12%, enquanto, entre dezembro e janeiro, o crescimento foi de 6,35%. Entre os trabalhadores estrangeiros, o desemprego aumentou em 38.545 pessoas, 9,38%, atingindo o total de 449.505. Em relação a janeiro de 2008, o número de desempregados estrangeiros aumentou em 208.798 trabalhadores, 86,74%. Em janeiro, o desemprego cresceu em todos os setores produtivos, especialmente aos serviços, com 136.610 demitidos (7,69%), seguido da indústria, com 31.276 (7,82%) e a construção, com 17.175 (2,91%). O Premier espanhol, José Luis Rodríguez Zapatero, pediu na terça-feira, que os presidentes dos principais bancos do país façam um esforço adicional para que as empresas e famílias voltem a ter acesso a crédito para ajudar a dinamizar a economia. O ministro da Indústria, Miguel Sebastián, disse em uma entrevista na televisão que o governo "está perdendo a paciência com os bancos" e advertiu que se as empresas e as famílias não receberem financiamentos, o governo agirá.

No Reino Unido, O Bank of England (BoE) cortou a taxa de juros básica em 0,5 ponto percentual para novo recorde de baixa de 1,0%, dentro das expectativas do mercado, a fim de conter a mais forte desaceleração que a economia inglesa

enfrenta desde o Pós-Guerra. A pressão inflacionária no Reino Unido permanece baixa, como mostra o resultado do índice de preços ao produtor (PPI) que indica queda de 0,1% em janeiro (dados dessazonalizados), contra expectativas de -0,1, e já tendo caído 0,1% em dezembro. Na comparação interanual o PPI caiu para 3,5%, em linha com as expectativas, sendo que subiu 4,6% no mês anterior. Como nos meses anteriores, esta desaceleração da inflação é puxada pela queda nos preços de energia, os preços do petróleo recuaram 36,6% em janeiro em relação ao mesmo mês do ano passado.

Combinado a este cenário benigno para a inflação, a atividade econômica continua enfraquecida no país: a produção industrial apresentou queda de 1,7% em dezembro contra a queda de 2,5% em novembro, a expectativa do mercado era de -1,2%. Comparando com o mesmo período do ano anterior, a retração é ainda mais acentuada, 9,4% ante -7,8%, sendo que era esperado um declínio de 7,8%.

Na China, o PMI de manufaturados indica que o setor está em contração pelo quarto mês consecutivo em janeiro (ainda abaixo dos 50 pontos neutros), mas apresentou uma significativa elevação, de 41,2 pontos registrados em dezembro para 45,3. A deterioração da demanda por exportações decorrente da desaceleração da economia mundial é um dos principais motivos pela desaceleração da produção dos manufaturados. Contudo, a recuperação do componente interno de encomendas de 37,3 em dezembro para 45,0 em janeiro indica que o governo está procurando estimular a demanda interna compensando, em parte, a desaceleração da atividade por conta da queda das exportações.

Na Indonésia, O Banco Central reduziu sua taxa básica de juros em 0,5 ponto percentual, para 8,25%, como esperado, e indicou que pode cortar os juros ainda mais para dar sustentação ao crescimento, em face da deterioração da economia global e da queda das exportações. O movimento foi feito em meio à pressão de eleitores para que o governo impulse a economia antes das eleições



parlamentares e presidencial deste ano. O banco central destacou na quarta-feira que o estado da economia mundial é pior do que o imaginado há alguns meses e que a Indonésia foi fortemente afetada por isso.

Cenário Interno

Aqui no Brasil, A pesquisa CNT/Sensus mostrou novamente que a popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva está muito elevada. Dos entrevistados, 84% aprovam o desempenho pessoal do presidente, melhor marca desde o início da pesquisa em 2001. O governo também recebeu avaliação positiva recorde: para 75% dos entrevistados a gestão é positiva, o que representa um aumento de 1,4 ponto percentual em relação à pesquisa referente a dezembro. Segundo a pesquisa, o resultado é particularmente influenciado pelas conquistas no campo econômico pelo governo Lula nos últimos anos, tais como redução da taxa de desemprego e controle da inflação e, também, pela confiança no discurso e nas medidas já tomadas em relação à crise econômica mundial. Em relação à avaliação econômica, 38,5% dos entrevistados relataram piora nas condições de emprego, ainda que 49,3% digam que a renda pessoal não foi alterada. Em relação ao futuro, para 51,1% dos entrevistados as condições de emprego devem melhorar nos próximos seis meses, assim como para 51,7% a renda pessoal deverá aumentar.

Em linha com esta avaliação positiva do Governo, o presidente do BACEN, Henrique Meirelles, disse em entrevista que o problema de liquidez que se abateu sobre o setor financeiro do País está normalizado, em razão principalmente de medidas do governo, como a liberação do compulsório. Em relação ao cenário internacional, Meirelles afirma que acredita ser difícil prever se alguns países sairão mais cedo da crise financeira, mas afirmou que o Brasil está melhor, quando comparado com a situação da maioria dos países, e que deverá sair mais rápido da crise. Meirelles enfatizou que o BACEN ainda vai aumentar o uso das reservas internacionais para linhas de crédito voltadas para o financiamento de exportações e para a rolagem de dívidas de empresas no exterior e adiantou que o governo irá implementar o programa de empréstimos externos com recursos das reservas, em substituição dos financiamentos estrangeiros. Para ele, o uso

das reservas internacionais para esse fim poderia ser possível por alguns anos, dado o montante disponível de cerca de US\$ 200 bilhões. Por fim, Meirelles ressaltou que a regulação do sistema bancário deverá ser uma tendência, aproximando-se da configuração brasileira, com produtos menos complexos e instituições totalmente reguladas.

Mesmo com o discurso otimista acima, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva admitiu na terça-feira que o país pode enfrentar uma retração na economia, mas enfatizou que esse recuo no crescimento deverá ocorrer apenas no primeiro trimestre de 2009 e que será menor do que a retração enfrentada pelos países desenvolvidos. O presidente afirmou que as medidas que o governo está tomando serão eficazes para combater os efeitos adversos da crise internacional, como a continuidade dos investimentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e a liberação de recursos para aumentar os empréstimos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Lula ainda enfatizou que o Brasil tem grandes chances de recuperação ao decorrer do ano e poderá sair fortalecido da crise.

Em relação aos estímulos que o governo está disponibilizando, na terça-feira foram reduzidas tarifas de importação de 306 itens, na maioria bens de capital sem similar nacional. Entre os setores mais beneficiados pela medida estão o de material elétrico, metalurgia, papel e celulose, automotivo e eletroeletrônico. Também foi reduzida a alíquota antidumping sobre as importações de glifosfato da China, um importante defensivo agrícola utilizado principalmente nas culturas de arroz, com o intuito de diminuir os custos aos produtores, que já enfrentam perdas de safra e crédito menor, e assim estimular o plantio da próxima safra. As tarifas foram reduzidas temporariamente, até 31 de dezembro de 2010, como forma de diminuir os custos de importação do maquinário e estimular o investimento.

Ainda em relação aos estímulos, o Banco Central poderá usar as reservas internacionais para ajudar no financiamento de empresas brasileiras no exterior.

A idéia é usar US\$ 36 bilhões das reservas para emprestar primeiro aos bancos, que repassarão às empresas. Conforme Circular 3434, divulgada pelo BACEN na quarta-feira, o Banco Central restringirá os novos empréstimos de dólares das reservas internacionais apenas às empresas brasileiras com dívida no exterior, operados por bancos brasileiros. A medida foi tomada por conta da dificuldade do BACEN de retomar o montante dos empréstimos em caso de falência da instituição estrangeira. Bancos de outros países também não terão acesso a essa nova linha de crédito. Esta medida se difere do texto publicado pelo BACEN em 17 de dezembro, em que as operações poderiam ser realizadas para instituições financeiras brasileiras autorizadas a operar em câmbio, e bancos com sede no exterior, detentores de classificação de risco mínimo equivalente a grau de investimento.

Ademais, o presidente afirmou na terça-feira que, em cerca de dez dias, ministros do seu governo apresentarão a ele um plano para a construção de 500 mil casas em todo o país. Lula destacou que a geração de empregos é a principal motivação da medida e que nos próximos dias o governo vai lançar um conjunto de medidas para incentivar a construção civil. O plano seria apresentado na semana passada, mas foi adiado porque o presidente Lula quer reduzir ainda mais o custo do financiamento habitacional e conceder mais facilidades às famílias com renda inferior a cinco salários mínimos (até R\$ 2.075). A meta do governo é financiar 1 milhão de novos imóveis até 2010.

Finalmente, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) receberá mais R\$ 142 bilhões, chegando ao fim do governo Lula com R\$ 646 bilhões considerando o período de janeiro de 2007 ao final de 2010 e levando em conta inversões do próprio governo, de estatais e empresas privadas. O anúncio da ampliação dos recursos destinados ao PAC reforça o comprometimento do governo em expandir os investimentos em infra-estrutura como forma de minimizar os impactos adversos da crise financeira internacional sobre a economia brasileira. Ao anunciar a ampliação do projeto, a ministra da Casa Civil Dilma, Rousseff, lembrou

a importância do efeito anticíclico do PAC em um período de crise internacional. Ainda que boa parte dos projetos anunciados já fosse esperada, vale ressaltar que os efeitos nítidos sobre a economia serão sentidos apenas quando as obras começarem de fato, o que poderá levar algum tempo. A ministra manteve o discurso que vem sendo adotado pelo presidente Lula e afirmou que nenhum investimento do PAC será cortado, dado a relevância dos investimentos nesse momento da economia.

Em relação ao PAC cabe, entretanto, uma crítica. O governo, nos últimos dois anos, se comprometeu a investir no PAC, com recursos do orçamento, segundo o balanço do site Contas Abertas, R\$ 35 bilhões. Executou despesas de R\$ 22 bilhões, pagou no exercício efetivo apenas R\$ 8,5 bilhões. Se somar o que pagou do que ficou pendurado de anos anteriores, no chamado "restos a pagar", foram R\$ 18,7 bilhões. Desde o começo do PAC, o governo apresenta um número que não condiz com a realidade. Soma investimentos das estatais, dos governos estaduais até quando é feito com orçamento estadual, investimentos que as empresas privadas têm a intenção de fazer e mistura com o dinheiro do orçamento. Quando se tira tudo isso para ficar só com o investimento do governo federal, os R\$ 650 bilhões ficam resumidos a R\$ 20 bilhões. Pior: nos últimos dois anos o governo pôs no orçamento e liberou para investir no PAC R\$ 35 bilhões em dois anos, mas pagou R\$ 18 bilhões, ou seja, metade disso.

A verdade é que o setor público no Brasil sempre investiu pouco e continua investindo pouco: menos de 1% do PIB. As estatais investiram mais do que em anos anteriores. Foram R\$ 53 bilhões, 88% disso pela Petrobras. Nenhuma conta leva aos valores divulgados pelo Governo, que só servem de instrumento de propaganda política.

Passando agora para os resultados apresentados pela economia do país, a Pesquisa Industrial Mensal (PIM) de dezembro de 2008, divulgada na terça-feira pelo IBGE, surpreendeu negativamente as expectativas do mercado pelo segundo

mês consecutivo. Em relação ao mesmo mês de 2007, a produção industrial registrou forte queda de 14,5%, e na margem com ajuste sazonal recuou 12,4%, resultado bem abaixo da mediana das expectativas do mercado coletadas pela Agência Estado, de -9,8% e -7%, respectivamente.

Com isso, a produção industrial em 2008 cresceu apenas 3,1%, forte desaceleração em relação ao registrado na taxa de crescimento em doze meses encerrados no mês de setembro, de 6,8%. A queda observada em dezembro, tanto na comparação interanual quanto na margem, não teve precedentes em toda a série histórica da pesquisa, iniciada em janeiro de 1991. Esse resultado surpreendeu não só pela magnitude do recuo, mas também pela generalização da queda entre os setores industriais. O setor que mais contribuiu para o resultado negativo foi o setor automotivo, mas dos 27 setores apurados na pesquisa apenas 2 apresentaram crescimento na margem com ajuste sazonal ("celulose, papel e produtos de papel" (+0,4%); e "outros equipamentos de transporte" (+6,7), devido em grande parte à produção de aviões, que já havia sido encomendada no passado).

Se olharmos regionalmente, conforme divulgado pelo IBGE, a significativa contração interanual de 14,5% da atividade industrial brasileira em dezembro do ano passado se deu de forma generalizada em todas as regiões do País. Na comparação interanual, o único estado que não apresentou crescimento negativo foi o de Goiás (1,1%). Por outro lado, o maior recuo se deu no estado do Espírito Santo (-29,6%). Esta queda foi causada, principalmente, pelos resultados negativos apresentados pelas cadeias automobilísticas e de commodities, que concentram a produção industrial desse e de outros estados, que também registraram reduções, como Minas Gerais (-27,1%), São Paulo (-14,5%) e Bahia (-13,9%). Vale ressaltar que São Paulo foi o estado que mais contribuiu para este desempenho negativo da PIM. Na Bahia o destaque é para a queda de 100% no setor automobilístico, causada pela paralisação devido às férias coletivas.

Os dados dos Indicadores Industriais da CNI de dezembro, também divulgados na terça-feira, reforçam os resultados apresentados pelo IBGE. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) apresentou nova queda na margem em termos dessazonalizados: 80,2% em dezembro, vindo de 81,4% em novembro e de 82,5% em outubro. É a menor leitura mensal do NUCI desde abril de 2006 e a média móvel trimestral em dezembro (81,3%) foi a mais baixa desde dezembro do mesmo ano.

Já se esperava uma queda grande em dezembro, mesmo que ela tenha surpreendido pelo tamanho. Em dezembro as empresas pararam de produzir, deram férias coletivas, fecharam altos fornos. Foi o mês em que o medo da crise foi pior. O fato é que caiu tanto que qualquer melhora, mesmo que seja uma produção a meio vapor, pode produzir um número positivo em fevereiro. Munidos desta idéia, fica claro que a indústria ainda está sofrendo os efeitos da onda da crise que se abateu sobre a economia mundial a partir de setembro, tanto que o acumulado dos três resultados negativos dá quase 20% de queda.

A indústria está de olho no que vai acontecer com o setor automotivo e com a construção civil. Em dezembro, segundo o IBGE, a produção automobilística caiu 39%. Em janeiro, a Fenabreve divulgou que as vendas totais caíram 5,2% em relação a dezembro. Ao todo, foram vendidos 327.500 veículos em janeiro deste ano, número 5,2% menor que as 345.447 unidades de dezembro de 2008 e 11,03% menor que os 368.122 veículos vendidos em janeiro do ano passado.

Foram responsáveis pelo resultado negativo as grandes quedas nas vendas de caminhões (-24,45%), de ônibus (-35,3%), de motos (-13,47%), de comerciais leves (-5,33%) e de implementos (-24,17%). O único setor que subiu foi o de carros de passeio, com alta de 5,11% no mês, por causa da redução do IPI, que vai até março. Antes deste resultado, a aposta da Fenabreve era de um crescimento de 3,13% nas vendas totais em 2009 para 2008. Com a queda em janeiro, existe a possibilidade de um número negativo ao fim deste ano. A

Fenabreve não quer fazer projeção das vendas para fevereiro e março, mas seu presidente acha que o período será ruim.

Os dados da Fenabreve têm dois lados: de um lado o aumento na compra de carros por causa da redução no IPI, do outro, mais preocupante, a queda enorme nas vendas dos veículos que têm a ver com investimentos e produção, como caminhões, comerciais leves e ônibus.

Setor diretamente ligado ao automotivo, o setor siderúrgico também vem enfrentando graves percalços ao longo da crise. É importante termos em mente que os setores de construção civil, automotivo e de bens de capital, os mais afetados pela crise, representam 77,6% da produção da siderurgia para o mercado interno.

Além da retração de produção para o mercado interno e da redução das exportações, as empresas brasileiras enfrentam a queda dos preços internacionais que, em alguns casos, é forte. A China chegou a pedir à Vale uma redução de 80% no preço, agora reduziu o desconto para 40%. O níquel, que já foi comercializado a US\$ 55 mil a tonelada, caiu para US\$ 11 mil. Para se ter uma idéia da drástica mudança de preços, o frete pago por uma tonelada de minério de ferro para a China no ano passado era US\$ 110, agora está em US\$ 10.

Uma pequena retomada dos negócios no mercado internacional é a boa notícia de janeiro para o setor da siderurgia no país. Os valores para os contratos ainda estão reduzidos, mas a sinalização destes contratos é positiva, segundo o vice-presidente executivo do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), Marco Polo de Melo Lopes.

Para a produção agrícola, os dados do quinto levantamento da safra 2008/09, divulgados na quinta-feira pela Conab, revelam uma queda esperada de 6,5% para safra agrícola, que já reflete os efeitos da estiagem em algumas regiões do País, como o Sul e Mato Grosso do Sul. A safra 2008/09 de grãos está estimada

em 134,7 milhões de toneladas, uma contração de 6,5% em relação à safra anterior. As perdas, devido às condições climáticas, chegaram a 5,6 milhões de toneladas em dezembro de 2008, sendo que a maior redução se deu nas culturas de milho primeira safra e da soja, enquanto que as lavouras de feijão e arroz mostraram crescimento. Já a previsão de área de plantio para a safra 2008/09 é de 47,8 milhões de hectares, um incremento de 0,9% em relação à área cultivada em 2007/08. As culturas de arroz, feijão, soja e trigo apresentaram crescimento de área, ao passo que as de milho e algodão apresentaram resultados negativos. Da mesma forma, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou as suas estimativas para a safra agrícola brasileira em 2009, que apontam para um recuo de 7,6% em relação à colheita do ano passado, chegando a um total de 134,7 milhões de toneladas.

Para o comércio, a Federação do Comércio do Estado de São Paulo (FECOMÉRCIO-SP) divulgou na segunda-feira o faturamento do comércio varejista de dezembro, que apresentou queda de 6,8% na comparação interanual (caracterizando o terceiro mês de queda consecutiva nesta base de comparação). No mesmo sentido, na série dessazonalizada, observou-se uma contração de 7,3% em relação a novembro. Por setor de atividade, destaque para "supermercados", com recuo de 9,5% em relação ao mesmo período de 2007, segundo maior responsável pelo resultado do índice geral, uma vez que o desempenho fraco das "concessionárias de veículos" já havia sido antecipado pela Fenabreve para o mesmo período.

Este indicador, considerado como um antecedente para a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE, sugere um resultado de baixo crescimento na pesquisa de dezembro e, com isso, temos sinais mais nítidos dos impactos adversos da forte deterioração na confiança dos consumidores sobre o desempenho do comércio varejista.

No que tange o emprego, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo primeiro boletim do Observatório do

Emprego elaborado pela Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho de São Paulo junto à Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), o mercado de trabalho do Estado de São Paulo apresentou deterioração mais acentuada no último mês do ano passado quando comparado com outras regiões do País. O corte de 285.532 cortes de vagas formais representa 44% dos empregos perdidos no País em dezembro de 2008. A região metropolitana de São Paulo perdeu 69.934 empregos, ao passo que no mesmo período de 2007, as perdas chegaram a 10.535. Quase todas as regiões do Estado apresentaram forte queda no emprego, sendo que São Paulo e Campinas foram as cidades mais afetadas; a exceção ficou por conta de Santos, que ganhou 636 vagas na indústria do turismo.

Uma questão em relação ao emprego merece atenção: passando a crise, o emprego volta? As empresas estão fazendo remanejamentos e mudanças que podem afetar o nível de emprego de forma permanente. Hoje, elas demitem por falta de confiança, por falta de crédito e por desestímulo para investir. Os novos arranjos produtivos podem acabar sendo permanentes e esses empregos não serão recriados.

No tocante aos indicadores da economia, segundo a Pesquisa Focus, referente à semana até 30 de janeiro, divulgada pelo Banco Central, a projeção do PIB brasileiro para o fim de 2009 é de crescimento de 1,8%, notícia ruim porque mostra queda na expectativa que, há um mês, era de crescimento do PIB de 2,4%. Na semana passada, estava em 2%, ou seja, o mercado está acreditando cada vez mais que a crise vai afetar forte o país.

Para a Selic, a Pesquisa estima uma taxa a 10,75% no fim do ano, estava em 11% na semana passada e 12% há um mês. A previsão é reflexo de duas coisas: a primeira, de que o Banco Central vai precisar baixar os juros para impulsionar a atividade; a segunda, de que a pressão inflacionária está cada vez menor.

Também de acordo com o relatório Focus, a previsão do mercado para o IPCA passou para 4,6%. Há um mês, a previsão era de um IPCA em 5% ao fim de 2009 e, na semana passada, esta previsão estava em 4,64%. A previsão para o IGP-M também caiu, de 4,41% para 4,24%.

Para a taxa de câmbio de final de período de 2009 houve estabilidade, de R\$/US\$ 2,30 e, para 2010, subiu de R\$/US\$ 2,28 para R\$/US\$ 2,29.

O IPC-S apresentou alta de 0,83% em janeiro ante 0,80% registrado na semana anterior, segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), ficando acima da mediana das expectativas do mercado de 0,75. O principal destaque é a alta do grupo educação, que segue tendência de alta sazonal por conta de reajustes em cursos e da elevação dos preços de materiais didáticos, avançando 3,53%. O grupo vestuário, que vem apresentando desaceleração nos últimos índices de inflação refletindo grandes promoções no setor, passou para o campo da deflação, em -0,19%. Os outros grupos apresentaram variações desprezíveis em relação à divulgação da semana anterior.

O IPC-FIPE referente ao fechamento do mês apresentou alta de 0,46%, em linha com as expectativas do mercado. Para o resultado, a aceleração do grupo Educação foi importante, registrando alta de 5,95%, seguindo pressão de alta de início de ano. O grupo Vestuário, assim como em outros índices de inflação, vem apresentando deflação, -0,56%, refletindo diversas promoções no setor. Por fim, o grupo Alimentação, com pressão dos produtos in natura, subiu para 0,68%. Os outros grupos do índice apresentaram variações desprezíveis.

O IGP-DI de janeiro voltou para o campo positivo, com alta de 0,01% ante -0,44% em dezembro, surpreendendo parte do mercado, que ainda esperava deflação para o índice. A principal contribuição para a alta do IGP-DI partiu do IPA agrícola (2,07%), refletindo alta recente nos preços de soja, milho, feijão e trigo. Já o IPA industrial recuou 1,16%, ainda com fortes quedas em itens como celulose, minerais metálicos e produtos químicos. A diminuição do ritmo de

deflação dos produtos industriais é na realidade decorrente da forte elevação de alguns grupos, com destaque para alimentação e bebidas que subiu 2 pontos percentuais.

O IPC também registrou aceleração, para 0,83%, com a expressiva alta do grupo educação, conforme esperado por fatores sazonais.

Por fim, o INCC também acelerou (0,33%), com elevação significativa na mão-de-obra, que passou de 0% para 0,28%.

Esse repique nos alimentos é pontual e efeito de quebra de safras e de aumento de preços de commodities nos mercados internacionais, nada que preocupe ou que faça lembrar a escalada dos preços que foi vista no meio de ano passado. O efeito crise ainda é mais forte no cenário de inflação e, além disso, ainda não há sinais de repasse de preços por conta da alta do dólar. A prova disso é a nova deflação registrada nos preços industriais do atacado. O repasse por conta da alta do dólar é o principal temor no que diz respeito à inflação, mas a queda da demanda tem impedido repasse de preços.

A balança comercial registrou déficit de US\$ 518 milhões em janeiro, o primeiro déficit mensal desde março de 2001. Este saldo é resultado de exportações que somaram US\$ 9,78 bilhões e de importações que acumularam US\$ 10,31 bilhões, quedas interanuais de 23,6% e 16,6%, respectivamente. À primeira vista, isto poderia nos dar uma leitura negativa, mas este resultado deficitário precisa ser qualificado. Em primeiro lugar, ele representa um saldo positivo de US\$ 8,1 bilhões, se considerarmos a série com ajustes sazonais e em termos anualizados, já que a sazonalidade de janeiro afeta mais as exportações do que as importações. Ademais, outro ponto que merece destaque neste resultado é a conta petróleo, que sozinha contribuiu com US\$ 940 milhões de déficit, de forma que o saldo excluindo petróleo foi de US\$ 19,4 bilhões no primeiro mês de 2009 (na série dessazonalizada e anualizada). Ainda assim, observa-se uma forte

queda na corrente de comércio e uma significativa tendência de contração da média diária das exportações.

A balança comercial vai continuar negativa, mas melhora no fim de março, começo de abril, quando entra a safra de grãos e serão retomadas as exportações de commodities metálicas. Para se ter uma idéia, entre dezembro e janeiro, as exportações para o Mercosul caíram 34,5% (só para a Argentina caíram 28,6%). Os Estados Unidos compraram 30% a menos; A União Européia também comprou menos: 23,6%. No total, o Brasil vendeu 25% a menos.

Mercado Financeiro

As commodities, principalmente as metálicas, foram as grandes responsáveis pela alta da semana na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). Não foi o único fator, é claro, mas a percepção de que a recuperação da crise passará pelo setor de commodities tem jogado a nosso favor. Com os pacotes econômicos e a retomada do crescimento baseados em infra-estrutura, muitas obras de infra-estrutura estão ocorrendo e ocorrerão pelo mundo, as empresas ligadas a siderurgia e mineração se valorizando. Além disso, o setor de commodities sofreu muito com a crise e agora há uma mudança positiva de expectativa.

Somado a isso, outro fator que influencia positivamente a bolsa brasileira é o saneamento dos nossos bancos. Passado o pânico inicial da crise sistêmica, está ocorrendo um processo de ajuste fino entre os investidores. O fato é que nem todos os países estão com problemas nos bancos, o Brasil é um dos que está a salvo.

Com isso, apesar de registrar queda de 30% em 12 meses, a Bovespa já tem alta de 13,87% este ano, e alta de 7,87% nos últimos sete dias terminados nesta sexta, fechando a semana em 42.755 pontos.

Na contramão, vemos que o ano mudou, mas a disposição do investidor estrangeiro com relação ao mercado de ações deu prova de que segue o mesmo. O saldo de negociação direta dos investidores não-residentes na Bovespa fechou janeiro negativo em R\$ 646 milhões. Com isso, os saques dos estrangeiros ultrapassaram as compras pelo oitavo mês seguido. Entre maio do ano passado, último mês de entrada, e janeiro de 2009, o saldo negativo já passa de R\$ 26 bilhões. No mês passado, este grupo de investidor efetuou compras de R\$ 24,819 bilhões na Bovespa, enquanto as vendas somaram R\$ 25,465 bilhões. Vale

lembrar que na primeira semana do ano o saldo estrangeiro chegou a ficar positivo em mais de R\$ 1 bilhão.

Analisando a semana em detalhe, na segunda-feira, as dúvidas sobre como ficará o pacote do presidente Barack Obama após sua votação no Senado, além de resultados ruins de empresas e das economias de países, fizeram as bolsas cair. Por aqui, além das ações do Bradesco, que caíram 2% depois do banco divulgar um lucro 27% menor no quarto trimestre de 2008, os papéis da Petrobras e da Vale, os mais negociados na Bovespa, caíram 1,36% e 0,93%, respectivamente. Tudo isso contribuiu para a queda da Bovespa, de 1,61%, fechando aos 38.666 pontos.

Nos Estados Unidos, os gastos do consumidor americano caíram em dezembro e a atividade manufatureira continuou a cair em janeiro, pelo décimo segundo mês seguido. Com isso, o Dow Jones fechou em queda de 0,8% e o S&P500 caiu 0,05%.

Nas bolsas asiáticas, notícias corporativas e resultados ruins foram os motivos para a queda na segunda-feira. A bolsa de Tóquio caiu 1,5%, Índia perdeu 3,34%, Hong Kong teve queda de 3,14%, Seul caiu 1,3%, e Cingapura -2,4%. Na Austrália, mais queda, de 1,22%. Alta, mesmo, só em Xangai, com 1,1%, e Taiwan, com valorização de 0,28%. No Japão, as vendas de automóveis caíram 27,9% em janeiro, em relação ao mesmo mês de 2008, e foi o pior nível mensal de vendas em 37 anos. Em relação aos mini-veículos, que têm boa saída no país, a queda, anualizada, foi de 5,6%. Na bolsa japonesa, as ações da Hitachi caíram 17% e a empresa anunciou um prejuízo anual de US\$ 7,8 bilhões, o maior de uma fabricante japonesa até agora.

Na Europa, as bolsas também operaram em queda. As empresas de commodities estão perdendo valor em consequência da queda no preço do petróleo e dos metais mais baratos no mercado internacional. Desse modo, a bolsa de Londres caiu 1,73%, Paris operou em baixa de 1,48% e Frankfurt desvalorizou 1,55%.

Frente ao pessimismo dos mercados acionários mundiais, o dólar terminou a segunda-feira com alta de 0,43%, cotado a R\$ 2,32.

No cenário corporativo aqui no Brasil, a Petrobrás notificou à ANP (Agência Nacional do Petróleo) uma nova descoberta de indícios de hidrocarbonetos na bacia de Potiguar, área que abrange os estados do Rio Grande do Norte e Ceará. Nessa região, a portuguesa Galp Energia também detém participação. Com a queda do petróleo no mercado internacional, as ações ON e PN da estatal brasileira, operaram com queda de 0,61% e 1,36%, respectivamente.

Na terça-feira, após as desvalorizações ocorridas nos pregões anteriores, a Bovespa operou no campo positivo, em um movimento de recuperação de preços, fechando com alta de 2,79%, aos 39.746 pontos. No ambiente externo, os mercados ainda continuam cautelosos, acompanhando os resultados corporativos e as medidas políticas adotadas nos diferentes países. No âmbito doméstico, o resultado da produção industrial brasileira, que veio abaixo das expectativas, deixou no mercado um certo pessimismo quanto ao desdobramento da crise financeira mundial.

Foi anunciada a extensão do prazo, para até 30 de outubro de 2009, do acordo de swap recíproco entre o Banco Central brasileiro e o Federal Reserve, no valor de US\$ 30 bilhões. Para o mercado de câmbio tratou-se de uma notícia favorável. O presidente do BACEN, Henrique Meirelles, comentou que esta decisão mostra que a confiança ainda permanece nos fundamentos da economia brasileira. A moeda americana fechou em queda de 0,22%, sendo negociada a R\$ 2,32.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas apresentaram volatilidade, em meio à crise econômico-financeira. Diante destas turbulências, os governos da Austrália e do Japão anunciaram novas medidas para alavancar a economia local. O banco central do Japão informou que irá comprar US\$ 11,2 bilhões em ações

de desempenho ruim detidas pelas instituições financeiras do país que estão com problemas. Já o governo da Austrália revelou um segundo pacote de estímulo econômico em torno de US\$ 26,5 bilhões. Os investidores das bolsas de valores comemoraram os sinais enviados por Tóquio e Canberra, que mostraram que os governos locais estão preparados para tomar medidas cada vez mais agressivas para estabilizar os mercados e reanimar suas economias. As medidas garantiram um movimento de alta nas ações na Ásia, mas o índice Nikkei da bolsa de valores de Tóquio acabou virando no final do pregão, fechando em queda de 0,6 por cento, aos 7.845 pontos. A virada foi provocada por perspectivas ruins em relação aos resultados de empresas que acabaram ofuscando o otimismo provocado pelo movimento anunciado pelo banco central japonês; na Austrália, o mercado acionário apresentou leve alta de 0,16%. O índice japonês Nikkei 225 fechou com queda de 0,62%, aos 7.825,51 pontos. Também no campo negativo, ficou o Hang Seng, de Hong Kong, com declínio de 0,66%, aos 12.776,89 pontos. Na contramão, o Shanghai Composite da China avançou 2,44%, com 2.060,81 pontos. O Kospi, da Coreia do Sul, teve ganho de 1,42%, aos 1.163,20 pontos. No plano corporativo, a empresa de tecnologia Advantest fechou em alta de 2,5%. No mesmo setor, a Hynix subiu 2,4% e a Samsung Electronics ganhou 3,5%. Em baixa, ficaram os papéis de bancos, guiados pelo Mitsubishi UFJ Financial Group, cujas ações fecharam com queda de 2,36%.

As bolsas de valores européias, depois de um comportamento volátil durante o período da manhã, firmaram o sinal no campo positivo. As atenções dos investidores se voltaram para o detalhamento do pacote de medidas de cerca de 26 bilhões de Euros, feito pelo governo francês, para revitalizar a economia do país. A bolsa da Alemanha fechou em alta de 1,80%, Paris subiu 1,82% e Londres valorizou 1,68%.

Nos Estados Unidos, as bolsas apresentaram momentos de volatilidade, mostrando que os investidores continuam preocupados com a situação que a economia global vem passando. Ademais, o mercado permaneceu atento à divulgação de resultados corporativos do quarto trimestre de 2008, que vieram melhores do que o esperado.

Entre as notícias corporativas aqui no Brasil, a Petrobrás anunciou que poderá cortar em até 35% seus investimentos até 2013, caso não consiga financiamento para cumprir o seu plano estratégico de US\$ 174 bilhões, divulgado na semana anterior. Por volta das 18h, as ações ON e PN da Petrobrás apresentaram alta de 1,15% e 3,60%, respectivamente.

Os papéis da Cyrela, Rossi Residencial e da Gafisa estiveram em destaque nesta sessão. Por volta das 18 horas, as ações ON da Cyrela Realt valorizaram 10,05%, enquanto que os papéis ON da Gafisa apresentaram alta de 9,36%. Já as ações ON da Rossi fecharam em alta de 6,44%. Os papéis foram beneficiados com a notícia de que o pacote de estímulo para o setor de construção deverá sair em 10 dias, conforme afirmação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

As ações da Vale e da Gerdau também estiveram em evidência nesta terça-feira, em dia de recuperação de preços das "commodities" metálicas no mercado internacional. No fechamento do pregão, as ações ON e PNA da Vale valorizaram 4,95% e 4,50%, respectivamente. Já os papéis PN da Gerdau fecharam com alta de 4,98%.

A Perdigão vai conceder férias coletivas para um total de 2.880 funcionários em duas unidades de aves da empresa, no estado do Rio Grande do Sul. As paradas técnicas já haviam sido anunciadas pela empresa no fim do ano passado, de acordo com seu planejamento estratégico e o objetivo é adequar os estoques ao nível atual de demanda.

No plano corporativo externo, a empresa petrolífera européia BP anunciou na terça-feira um prejuízo de US\$ 3,344 bilhões no quarto trimestre de 2008. Um ano antes, havia ganhado US\$ 4,399 bilhões. Excluindo itens não-recorrentes e ganhos e perdas em função de variações nos estoques, a empresa teve lucro de US\$ 2,587 bilhões no trimestre final do ano passado, inferior aos US\$ 3,395 bilhões verificados em mesmo período em 2007. No acumulado do ano de 2008, a petrolífera apresentou lucro no montante de US\$ 21,157 bilhões. Em 2007, havia ganhado US\$ 20,845 bilhões. Descontando itens não-recorrentes e ganhos e perdas em função de variações nos estoques, o lucro cresceu 39%, para US\$ 25,593 bilhões. A BP sentiu o impacto da queda nos preços do petróleo e espera a continuidade de fraca demanda por seus produtos, uma vez que muitos países entraram em recessão.

O grupo britânico de telefonia Vodafone anunciou uma receita de 10,47 bilhões de libras no quarto trimestre do ano passado, valor 14,3% acima do registrado no mesmo período de 2007, quando a receita da empresa era de 9,16 bilhões de libras. De acordo com o comunicado da companhia, deste crescimento da receita, 12,8 pontos percentuais são provenientes dos movimentos favoráveis das taxas de câmbio internacionais e 2,5 pontos percentuais são originados dos benefícios com fusões e aquisições realizadas pela empresa, principalmente na Índia. Na Europa, a receita dos últimos três meses do ano ficou em 7,01 bilhões de libras, um avanço de 15% frente ao mesmo período do ano passado. Nos negócios da África e da Europa Central, a receita ficou em 1,29 bilhão de libras, ganhando 6,1%, enquanto na Ásia e no Oriente Médio, a companhia acumulou 1,40 bilhão de libras, alta de 27,9% na mesma base de comparação. Diante das mudanças nos patamares do câmbio no mercado internacional, a Vodafone revisou para cima suas projeções para o ano fiscal, que termina em março deste ano. A companhia prevê que a receita neste ano chegará ao montante de 40,6 bilhões

de libras a 41,5 bilhões de libras, sendo que a última estimativa tinha ficado de 38,9 bilhões de libras a 39,7 bilhões de libras.

As montadoras norte-americanas General Motors (GM) e Chrysler iniciaram programas de demissão e aposentadoria voluntária que têm como alvo dezenas de milhares de funcionários nos Estados Unidos. O plano, já negociado com a United Auto Workers (UAW), entidade que representa os trabalhadores do setor nos Estados Unidos, prevê o pagamento de uma quantia em dinheiro aos funcionários, mais um vale no valor de US\$ 25 mil para compra de um automóvel. No caso da GM, o pagamento em dinheiro deve ser de US\$ 20 mil, segundo informações de agências internacionais. Na Chrysler, o pagamento deve variar de US\$ 50 mil a US\$ 75 mil. A idéia das montadoras é substituir esses trabalhadores por novos empregados que aceitem salários menores que os US\$ 28 por hora, recebidos atualmente pelos metalúrgicos. A decisão faz parte das iniciativas das empresas para se tornarem mais competitivas em relação as rivais asiáticas e européias. No dia 17 de fevereiro, elas devem fazer uma apresentação ao governo americano para justificar que ainda merecem ter direito ao empréstimo de US\$ 17,4 bilhões aprovado pelo ex-presidente George W. Bush no final do ano passado.

A Dow Chemical divulgou na terça-feira que encerrou o quarto trimestre com prejuízo, pressionada por queda nas vendas gerada pela crise econômica global. A maior fabricante de produtos químicos dos Estados Unidos publicou perda líquida de 1,55 bilhão de dólares, ou 1,68 dólar por ação, ante lucro um ano antes de 472 milhões de dólares, ou 0,49 dólar por ação. Excluindo fatos não recorrentes, a empresa teve prejuízo de 0,62 dólar por ação, ante lucro um ano antes de 0,84 dólar. A performance do segmento de plásticos da companhia, que inclui a Dow Automotive e a Dow Building Solutions, teve prejuízo operacional de 479 milhões de dólares no trimestre. A Dow também tem enfrentado problemas

com uma acentuada desaceleração em muitas regiões emergentes que vinham puxando o crescimento da empresa nos trimestres anteriores.

A farmacêutica Merck Co. gerou um lucro líquido de US\$ 1,644 bilhão no quarto trimestre de 2008. Com isso, conseguiu reverter o prejuízo de um ano antes, de US\$ 1,630 bilhão. Por ação, houve lucro de US\$ 0,78 ante perda de US\$ 0,75. No ano passado completo, a empresa teve lucro líquido de US\$ 7,808 bilhões, acima dos US\$ 3,275 bilhões de 2007, ocasião em que registrou despesa de US\$ 4,85 bilhões com acordos para dar fim a uma série de ações judiciais referentes à retirada do mercado do anti-inflamatório Vioxx. As vendas foram menores tanto no trimestre como em todo o exercício de 2008 - somaram, respectivamente, US\$ 6 bilhões e US\$ 23,9 bilhões, baixa de 3% e 1%, na ordem, perante mesmos intervalos do calendário antecedente. A Merck reforçou suas expectativas financeiras para o ano de 2009, de receita na faixa de US\$ 23,7 bilhões a US\$ 24,2 bilhões e de lucro por ação de US\$ 2,95 a US\$ 3,17.

A Motorola informou ter perdido US\$ 3,576 bilhões no quarto trimestre, ou US\$ 1,57 o papel, o que representa uma mudança de direção em comparação com o resultado de igual período do calendário anterior, quando obteve lucro de US\$ 100 milhões, ou US\$ 0,04 o papel. As vendas somaram US\$ 7,136 bilhões, com redução de 26% ante os três meses finais de 2007 (US\$ 9,646 bilhões). No trimestre, a companhia comercializou 19,2 milhões de celulares. Sua participação no mercado global de dispositivos móveis é estimada em 6,5%. A Motorola aproveitou a comunicação de seus números para avisar da suspensão da declaração do dividendo trimestral em dinheiro e anunciar a saída do diretor financeiro, Paul Liska. Edward J. Fitzpatrick, vice-presidente sênior, irá desempenhar a função até a empresa encontrar um substituto permanente. No ano de 2008, a Motorola perdeu US\$ 4,163 bilhões, aprofundando o prejuízo anotado nos 12 meses antecedentes, de US\$ 49 milhões. A projeção da empresa

é ter uma perda de US\$ 0,10 a US\$ 0,12 o papel no primeiro trimestre do novo calendário.

O conglomerado japonês Hitachi fechou os três últimos meses de 2008 com prejuízo de 371 bilhões de ienes (US\$ 4,1 bilhões), afetado pela crise econômica mundial. No mesmo intervalo de 2007, a companhia havia lucrado 12,5 bilhões de ienes. No mesmo anúncio, a empresa confirmou que deverá registrar no ano fiscal de 2008, a se encerrar em março, o maior prejuízo já visto na história das indústrias japonesas, de 700 bilhões de ienes (US\$ 7,7 bilhões). Em outubro, a empresa projetava um lucro de 15 bilhões de ienes no ano fiscal. A Hitachi é a maior fabricante de eletrônicos do Japão, mas também atua na produção de autopeças, equipamentos industriais e semicondutores, entre outras áreas. A maior parte de suas atividades foi prejudicada pela crise, que reduziu a demanda por itens como TVs, computadores e automóveis. A empresa também foi afetada pela valorização do iene e pela queda no mercado de ações japonês. A receita total do trimestre caiu 16%, para 2,26 trilhões de ienes (US\$ 24,8 bilhões), sendo que o faturamento fora do Japão baixou 20%, para 959 bilhões de ienes.

A montadora GM Daewoo, filial sul coreana da General Motors, informou na terça-feira que fechará temporariamente várias de suas fábricas na Coreia do Sul, devido à queda na demanda. As fábricas ficam na cidade de Bupyeong, próxima a capital Seul, e Gunsan, ao sudoeste da capital. As vendas de veículos da divisão sul coreana da GM caíram 50,5% em janeiro, para 45.842 unidades, segundo dados da companhia. As vendas internas tiveram retração de 20,4% enquanto as exportações caíram 53,6%.

A empresa aérea escandinava SAS anunciou na terça-feira um prejuízo líquido de 6,3 bilhões de coroas suecas (US\$ 757 milhões) em 2008. Além disso, a companhia disse que realizará um grande plano de corte de custos para tentar reverter o prejuízo. A receita operacional da empresa no período atingiu o montante de 53,195 bilhões de coroas suecas. Como parte de seu plano de

enxugamento de custos, a empresa reduzirá o número de suas rotas e eliminará 3 mil funcionários. Outros 5,6 mil empregados deixarão a força de trabalho da aérea com a venda ou terceirização de divisões. A SAS, que atualmente emprega quase 23 mil pessoas, também irá manter em solo 14 aeronaves.

Na quarta-feira, a Bovespa encerrou com alta de 0,96%, aos 40.129 pontos, num dia em que o volume negociado chegou a cerca de R\$ 5,5 bilhões, bem acima da média deste ano. A alta poderia ser maior, mas no fim do pregão a bolsa brasileira passou a acompanhar o mercado americano, que estava em queda, diminuindo assim nosso ritmo de alta. Durante o dia, o índice atingiu 4,38% de alta, no início da tarde, puxado pelas commodities e pelo anúncio do número de vagas perdidas nos Estados Unidos, medido pela ADP Employment, que veio menor que o esperado. Além disso, as áreas de mineração e siderurgia foram o destaque por causa da China.

No mercado asiático, as principais bolsas de valores fecharam em alta, refletindo alguns dados americanos, divulgados na terça-feira, que vieram mais favoráveis, e devido às medidas tomadas pelo governo da Austrália e Japão, também anunciados na terça-feira. Além disto, o avanço do índice oficial sobre o desempenho do setor manufatureiro da China, somado ao aumento dos empréstimos bancários, contribuiu para o bom humor nos mercados asiáticos. A bolsa no Japão fechou com alta de 2,72%, e a bolsa de Hong Kong, na China, encerrou com valorização de 2,24%. As ações da BHP Billiton subiram 1,6%, mesmo depois que a mineradora anglo-australiana divulgou queda de 57% no lucro nos seis meses terminados em 31 de dezembro, ante o mesmo período do ano anterior. No setor de tecnologia não foi diferente. A Panasonic anunciou que vai demitir 15 mil funcionários e deve fechar 27 fábricas, diante das projeções da empresa de prejuízo de 380 bilhões de ienes (US\$ 4,3 bilhões) no ano que termina em 31 de março. Mesmo assim, as ações da companhia japonesa

fecharam o pregão com avanço de 1,5%. A Samsung Electronics também foi destaque, com elevação de 4,9%.

Na Europa, o clima também continuou positivo, sustentado principalmente por resultados corporativos locais que excederam as expectativas dos analistas. A bolsa de Paris fechou em alta de 2,90%, Londres subiu 1,54%, e Alemanha fechou com valorização de 2,69%.

Nos Estados Unidos, em dia de importantes dados sobre a maior economia do mundo, as bolsas de valores operaram em alta durante a maior parte do dia, mas no final da tarde, a volatilidade voltou ao mercado acionário americano. O mercado permanece na expectativa com a aprovação do pacote de Barack Obama para impulsionar a economia americana.

No plano corporativo aqui no Brasil, as ações da Vale estiveram em evidência. A notícia de que o excesso de estoques de minério de ferro na China está acabando, segundo informou a mineradora australiana BHP Billiton, impulsionou as negociações das ações da Vale.

As ações PN e ON da Petrobrás também encerraram em alta de 0,47% e 0,25%, respectivamente. Conforme a agência Dow Jones, a estatal brasileira pretende voltar ao mercado internacional de capitais com uma emissão de um bônus global de 10 anos.

As ações da Tim Participações estiveram entre as maiores quedas do Ibovespa durante uma boa parte desta sessão. Os papéis da empresa estão reagindo à notícia de que a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) estipulou um novo prazo para que a Telco, controladora da Telecom Itália, que por sua vez controla a TIM, apresente recurso sobre a necessidade de oferta pública de aquisição (OPA) por ações da operadora de telefonia móvel brasileira. O prazo foi estendido até 9 de março deste ano.

No plano corporativo externo, a BHP Billiton obteve lucro de US\$ 2,617 bilhões nos seis meses até dezembro, inferior em 56,5% aos US\$ 6,017 bilhões somados em igual intervalo de um ano antes. A receita ficou em US\$ 29,780 bilhões, superando em quase 17% os US\$ 25,539 bilhões do semestre encerrado em 31 de dezembro de 2007. Excluindo itens extraordinários, o lucro foi de US\$ 6,128 bilhões no semestre findo em dezembro, com alta de 2,2% perante os US\$ 5,995 bilhões apurados em mesmo intervalo de um exercício atrás. A mineradora anglo-australiana defendeu seu desempenho em um ambiente de rápida deterioração nas condições de mercado e acredita que esse quadro de debilidade persistirá no médio prazo.

A Panasonic, gigante japonesa do setor de eletrônicos, anunciou na quarta-feira o corte de 15 mil empregos e o fechamento de 27 fábricas no mundo, incluindo 13 no Japão. A notícia veio após a empresa comunicar que espera um prejuízo de 380 bilhões de ienes (US\$ 4,2 bilhões) no ano que termina em 31 de março, a primeira perda anual em seis anos. Anteriormente, havia previsto lucro de 30 bilhões de ienes para o período. O iene forte e a queda das vendas em meio à desaceleração econômica global atingiram o desempenho da Panasonic, que pretende cortar custos em 100 bilhões de ienes no próximo exercício fiscal. O enxugamento de pessoal estipulado representa quase 5% da força de trabalho da empresa e será implementado até o fim de março de 2010.

A Time Warner registrou prejuízo líquido de US\$ 16,032 bilhões nos três meses encerrados em dezembro do ano passado, ou US\$ 4,47 o papel. No último trimestre de 2007, a gigante do setor de mídia e entretenimento teve lucro de US\$ 1,031 bilhão, ou US\$ 0,29 a ação. Excluindo itens, a companhia teria lucrado US\$ 0,23 por ação nos três meses finais de 2008. Além de uma depreciação no valor de ativos, a Time Warner verificou queda nas vendas de publicidade. A receita total caiu para US\$ 12,306 bilhões perante os US\$ 12,642 bilhões somados entre outubro e dezembro do exercício anterior. Para 2009, a

expectativa é de que o lucro ajustado com suas operações continuadas fique estável.

A fabricante francesa de equipamentos de telecomunicações Alcatel-Lucent divulgou na quarta-feira lucro e vendas acima das expectativas, apesar de registrar baixa contábil de 3,91 bilhões de Euros (5 bilhões de dólares) relativa a ativos defasados. A companhia também informou que espera chegar ao equilíbrio financeiro em 2009 em nível operacional ajustado e repetiu previsão de que o mercado como um todo vai cair 8 a 12% em valor este ano. A Alcatel-Lucent informou que as vendas do quarto trimestre caíram 5,4%, para 4,954 bilhões de Euros, ficando levemente acima da média das expectativas de analistas, de 4,9 bilhões de Euros. O lucro ajustado antes de juros e impostos somou 297 milhões de Euros e também ficou acima da média de previsões, de 264,3 milhões de Euros.

A Roche obteve um lucro líquido de 10,884 bilhões de francos suíços (US\$ 9,4 bilhões) no ano de 2008, menor do que os 11,437 bilhões de francos somados nos 12 meses antecedentes. O resultado acabou abaixo também das expectativas de alguns investidores, de 11,4 bilhões de francos. As vendas da empresa farmacêutica suíça totalizaram 45,617 bilhões de francos no ano passado, menor do que os 46,133 bilhões de francos de 2007. Para 2009, a Roche tem como meta um lucro por ação no mesmo nível do ano anterior.

A BM&FBovespa informou na quarta-feira que a Goldman Sachs do Brasil CTVM S/A iniciou, na segunda-feira, suas atividades como corretora de valores nos mercados de ações e de renda fixa da Bolsa (Bovespa Fix e Soma Fix) com a realização dos primeiros negócios. Inserida na categoria Acesso Pleno, está habilitada a atuar em todo o Brasil. A Goldman Sachs é a primeira corretora admitida a operar na Bolsa desde que foram determinadas as novas regras de acesso.

O Departamento de Energia dos Estados Unidos anunciou que, na semana passada, os estoques de petróleo avançaram em 7,2 milhões de barris, bem acima das projeções dos analistas que esperavam uma alta de 3 milhões de barris.

Na quinta-feira, depois de um período de oscilação, a Bovespa encerrou o pregão em alta de 2,44%, aos 41.108 pontos, acompanhando o bom humor de Wall Street e sendo beneficiada pela valorização dos papéis do setor de mineração, principalmente pela Vale. Nos Estados Unidos, destaque para as ações das fabricantes de cartões de crédito Visa e Mastercard e para o nível de produtividade no mercado de trabalho, que ficou acima do esperado.

Na Ásia, a maioria das bolsas fechou em queda na quinta-feira, devido ao mau desempenho das bolsas americanas na véspera e pelas perspectivas econômicas e resultados de empresas ruins. A bolsa do Japão fechou com queda de 1,11%, a da China caiu 0,46% e a da Coréia do Sul perdeu 1,46%. Ações de transporte marítimo, tais como da sul-coreana Hyundai Merchant Marine, estavam entre as principais valorizações do dia, liderando ganhos após o Baltic Dry Index, índice que mede as mudanças nos custos de transporte de commodities, ter saltado quase 15% na quarta-feira.

Na Europa, as bolsas fecharam sem um rumo definido. O setor financeiro deu o tom negativo, depois de o Deutsche Bank anunciar seu primeiro prejuízo anual desde a Segunda Guerra Mundial. A bolsa de Paris fechou com queda de 0,09%, Alemanha subiu 0,39%, enquanto Londres fechou praticamente estável, com alta de 0,01%.

Nos Estados Unidos, após apresentar um período de oscilação, as bolsas firmaram o sinal no território positivo, impulsionadas pelas ações das fabricantes de cartões de crédito Visa e Mastercard, que apresentaram lucro acima das expectativas.

No ambiente corporativo aqui no Brasil, o Santander BR informou que seu lucro líquido consolidado foi de R\$ 1,58 bilhão em 2008, ante lucro de R\$ 1,84 bilhão registrado no ano anterior.

A Cemig informou que pagará R\$ 213 milhões por uma participação de 49% em três parques eólicos no Ceará. A totalidade de energia gerada será vendida para a Eletrobrás.

A Petrobras apresentou, na quarta-feira, seu plano de negócios para o setor de exploração e produção para o período de 2009 a 2013. De acordo com a empresa, serão investidos US\$ 92 bilhões somente no Brasil, um aumento de aproximadamente 41% frente ao plano anterior. A companhia tem como objetivo, aumentar sua produção diária de petróleo até 2013, expandindo para 2,68 milhões de barris.

As ações da Vale continuaram em evidência no Ibovespa no pregão de quinta-feira, ainda repercutindo a notícia de que o excesso de estoques de minério de ferro na China está acabando.

Entre as maiores quedas do Ibovespa, estiveram as ações ON da Rossi Residencial. A companhia divulgou prévia operacional mostrando uma queda de 49% nas vendas no quarto trimestre de 2008, em comparação com o anterior.

No ambiente corporativo externo, a Swiss Re pretende levantar 5 bilhões de francos suíços (US\$ 4,3 bilhões) em dinheiro novo, incluindo 3 bilhões de francos do Berkshire Hathaway, empresa do investidor americano Warren Buffet. O esforço visa à retenção de sua nota de crédito. A notícia veio junto com o anúncio de expectativa de um prejuízo líquido de 1 bilhão de francos suíços em 2008. A Swiss Re foi afetada pela depreciação no valor de ativos. O balanço do exercício será divulgado no dia 19 deste mês.

O Deutsche Bank anunciou na quinta-feira que sofreu um prejuízo líquido de quase 5 bilhões de Euros em 2008, pressionado por grandes baixas contábeis e queda nas receitas com operações de dívida e outros produtos, que recuaram de 8,4 bilhões de Euros (11 bilhões de dólares) para 124 milhões de Euros.

Já o Santander, que não sofreu grandes baixas contábeis como as que afetaram o Deutsche, anunciou lucro líquido de quase 9 bilhões de euros no ano passado. Entretanto, as dívidas de difícil recuperação como total de empréstimos subiram para 2,04% no final de dezembro, ante 1,63% em setembro, com performance fraca nos importantes mercados da Espanha, Inglaterra e Estados Unidos. Apesar das preocupações sobre a economia espanhola, o presidente-executivo do Santander, Emilio Botin, conseguiu fazer com que o maior banco da Zona do Euro evitasse o pior da tempestade financeira ao focar a instituição numa fórmula simples de banco de varejo e distância do mercado imobiliário.

A Unilever desistiu, na quinta-feira, de suas metas por causa das incertezas da economia global, apesar de seu resultado ter superado expectativas ao mostrar alta de 7,3% nas vendas do quarto trimestre. A companhia anglo-holandesa, terceira maior fabricante mundial de alimentos e produtos de consumo, informou que não fará previsões para 2009 sob as atuais condições, o que fez com que suas ações recuassem mais de 5%. No trimestre encerrado em dezembro, a Unilever teve alta de 7,3 por cento nas vendas ante expectativas de analistas de incremento de 4,5 a 7%.

Na sexta-feira, a Bovespa encerrou em forte alta de 4,01%, aos 42.755 pontos, no último pregão da semana, seguindo o bom desempenho das bolsas mundiais.

No mercado asiático, as bolsas fecharam em alta na última sessão da semana, com os investidores atentos à votação no Senado norte-americano, do pacote de estímulo econômico proposto pelo presidente Barack Obama. No Japão, a bolsa de Tóquio apresentou valorização de 1,6%, impulsionada por empresas

produtoras de papel e exportadoras. Já a bolsa de Hong Kong avançou 3,6%, influenciada pelo bom desempenho dos papéis do setor automobilístico e financeiro.

Na Europa, as principais bolsas encerraram no território positivo na sexta-feira, sustentadas por papéis ligados ao setor financeiro, que ganhou novo fôlego após o Tesouro dos Estados Unidos confirmar, na quinta-feira, que um novo plano para socorrer bancos e seguradoras será apresentado no início da semana que vem. A bolsa de Paris operou em alta de 1,84%, a de Londres subiu 1,49% e a da Alemanha apresentou ganhos de 2,97%.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram em alta na sexta-feira. Os investidores aguardam atentos à discussão no Senado do país que visa à aprovação do pacote de estímulo à economia proposto pelo presidente Barack Obama. Com isso, nem mesmo os dados ruins relacionados ao payroll, prejudicaram o desempenho em Wall Street.

No cenário corporativo aqui no Brasil, as ações PN da Oi (ex-Telemar) lideraram as valorizações do Ibovespa neste pregão. A companhia anunciou o pagamento de dividendo extraordinário no valor de R\$ 1,2 bilhão sobre a atual posição acionária.

As ações ON e PNA da Vale apresentaram valorização, influenciadas positivamente pela alta nos preços das commodities metálicas no mercado externo. Ainda sobre a Vale, foi noticiado que a mineradora deverá continuar com seus planos de construir uma usina siderúrgica no Espírito Santo.

A Perdigão anunciou férias coletivas de 30 dias para cerca de 1.520 funcionários da sua unidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul. Esta parada técnica visa ajustar a oferta à atual demanda pela produção da companhia. Este fato derrubou

os papéis ON da companhia, que lideraram as quedas do Ibovespa no fim dos negócios.

A empresa de energia elétrica Terna Participações informou que atingiu um lucro líquido de R\$ 187,54 milhões em 2008, um recuo de 12,5% em comparação ao lucro de R\$ 214,25 milhões obtidos no ano anterior.

O setor financeiro também foi destaque neste pregão. A expectativa de que na segunda-feira o governo norte-americano deverá apresentar o plano de resgate financeiro do presidente Barack Obama impulsionou as ações de bancos no Brasil. Os papéis PN do Bradesco e do Itaú fecharam em alta de 4,77% e 7,13%, respectivamente. Já as units do Unibanco apresentaram valorização de 7,79.

O Banco do Brasil confirmou na sexta-feira que deu início às negociações visando a aquisição do controle acionário do Banco do Estado do Espírito Santo (Banestes). As ações ON do Banco do Brasil apresentaram alta e os papéis ON do Banestes, que não fazem parte do Ibovespa, dispararam 17,50%.

No plano corporativo externo, a Toyota Motor previu um prejuízo anual muito maior que aquele que havia estimado há apenas seis semanas. A maior montadora de veículos do mundo tenta cortar sua produção rápido o bastante para se enquadrar à grande queda nas vendas globais. A Toyota iniciou o atual ano fiscal com uma previsão otimista de produzir 8,87 milhões de veículos nos 12 meses seguintes até o final de março. Na sexta-feira, porém, a empresa informou que prevê a produção em 7,08 milhões, queda de um quinto depois que a empresa colocou cerca de 30% de suas linhas de produção sob apenas um turno. Para o ano até final de março, a Toyota espera agora um prejuízo operacional de 450 bilhões de ienes (4,95 bilhões de dólares), três vezes maior do que tinha estimado no final de dezembro, mas desta vez dentro da média das previsões de 18 analistas consultados pela Reuters Estimates. A Toyota alterou sua estimativa

de desempenho anual de um lucro de 50 bilhões de ienes para um prejuízo de 350 bilhões de ienes. O prejuízo será o primeiro a ser registrado pela montadora desde 1950.

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) irá discutir a possibilidade de mais um corte de cerca de 1 milhão de barris por dia ao se reunir em março, se os preços da commodity se mantiverem em baixa. A Opep irá se reunir em 15 de março, em Viena. Apesar de o cartel concordar desde setembro em reduzir a oferta para um total de 4,2 milhões de barris por dia, os preços da commodity se mantêm em 41 dólares o barril, um nível que autoridades do grupo consideram muito baixo.

IBOVESPA - Maiores na SEMANA

Altas	Preço	(%)
Vale do Rio Doce ON	38,75	19,23
Vale do Rio Doce PNA	32,48	15,95
Gerdau PN	17,33	15,30
Bradespar Pn	26,84	14,65
Gerdau Met. PN	22,84	14,48
Sid. Nacional ON	40,20	14,27
BMF Bovespa ON	7,61	13,75
Unibanco Unit	14,80	12,95
Itaubanco PN	26,15	11,90
Cyrela Realt ON	10,40	11,82

Maiores no ANO

Altas	Preço	(%)
Vale do Rio Doce ON	38,75	39,94
Bradespar Pn	26,84	39,93
Sid. Nacional ON	40,20	38,62
Vale do Rio Doce PNA	32,48	35,95
Tim Part. S.A. ON	6,55	33,40
BMF Bovespa ON	7,61	27,75
Gafisa ON	13,01	24,02
Petrobras ON	33,20	20,76
Usiminas PNA	32,01	20,69
Petrobras PN	27,10	18,65

Baixas	Preço	(%)
Rossi Resid. ON	3,79	-15,59
Tam S.A. PN	16,20	-6,25
Lojas Americanas PN	6,11	-4,38
Klabin S.A. PN	3,35	-4,29
Br.Tel.Part. PN	14,68	-4,06
Aracruz PNB	1,91	-4,02
B2W Varejo ON	23,90	-3,82
Celesc PNB	32,75	-3,64
Sadia S.A. PN	3,22	-3,02
Tim Part. S.A. ON	6,55	-2,96

Baixas	Preço	(%)
Vcp PN	13,69	-23,65
Aracruz PNB	1,91	-23,29
Br.Tel.Part. PN	14,68	-15,69
Br.Telecom PN	11,57	-15,18
Tam S.A. PN	16,20	-15,14
Sadia S.A. PN	3,22	-14,14
Telemar N L PNA	47,70	-14,06
Cesp PNB	13,05	-13,52
Copel PNB	21,85	-8,96
Sabesp ON	25,00	-8,54

Fatos econômicos da semana seguinte

A semana que começa dia 09 de fevereiro trará dados relevantes na economia doméstica, principalmente no que diz respeito à atividade, ao setor automotivo, à confiança do consumidor e à indústria. No ambiente externo teremos muitos dados e eventos relevantes, com destaque para dados do varejo, do atacado, do orçamento, além dos discursos de Bernanke e Geithner, nos Estados Unidos; PIB, indústria, inflação, relatório mensal do BCE e discurso de Trichet, na Zona do Euro; confiança do consumidor no Japão; e inflação na China.

No Brasil, na segunda-feira o Banco Central apresentará sua Pesquisa semanal Focus; a Secex, a Balança comercial da primeira semana de fevereiro; a Anfavea, produção e venda de veículos em janeiro; a FGV, o IPC-S da primeira quadrissemana de fevereiro; e o IBGE, a pesquisa mensal industrial de emprego e salário de dezembro. Na terça-feira, a Fipe publicará o IPC da primeira quadrissemana de fevereiro; a FGV, a primeira prévia de fevereiro do IGP-M; e a ABCR, o índice ABCR de atividade de janeiro. Na quarta-feira, teremos o índice de confiança do consumidor de fevereiro, pela Fecomercio. Na quinta-feira, teremos o emprego industrial de janeiro, pela FIESP/CIESP. Na sexta-feira, a FGV publicará o IGP-10 de fevereiro.

No exterior, nos Estados Unidos, na terça-feira, teremos estoques no atacado de dezembro e o discurso de Bernanke em Washington. Na quarta-feira, teremos os dados semanais do setor hipotecário; estoques semanais de petróleo e derivados; a divulgação do orçamento mensal de janeiro; a balança comercial de dezembro; e o discurso de Geithner em Washington. Na quinta-feira, teremos os pedidos iniciais de auxílio desemprego semanais; as vendas no varejo em janeiro; e os estoques no varejo em dezembro. Na sexta-feira, teremos o índice de confiança da Universidade de Michigan, de fevereiro.

Na Zona do Euro, na quinta-feira, o BCE publica seu relatório mensal; Trichet discursa na Alemanha; e teremos a produção industrial de dezembro. Na sexta-feira, teremos o PIB do quarto trimestre de 2008.

Considerando exclusivamente a Alemanha dentro da Zona do Euro, na segunda-feira teremos a balança comercial e a conta corrente, ambas de dezembro. Na quarta-feira, teremos o CPI de janeiro. Na sexta-feira, teremos o PIB do quarto trimestre de 2008.

No Reino Unido, na terça-feira, teremos a balança comercial de dezembro. Na quarta-feira, teremos o relatório de inflação do quarto trimestre de 2008.

No Japão, na segunda-feira, teremos os pedidos de máquinas, em dezembro. Na terça-feira, teremos a confiança do consumidor, de janeiro.

Finalmente, na China, na terça-feira, teremos o PPI e os CPI, ambos de janeiro. Na quarta-feira, teremos a balança comercial de janeiro.

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

yann.alves@grupofundamentum.com.br

TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para yann.alves@grupofundamentum.com.br. Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.